

O quebra-cabeças da educação

J. Roberto Whitaker Penteado

Jornal do Comercio

Segundo avaliações feitas pelas faculdades particulares, a maioria absoluta dos jovens que se apresentam para o exame de seleção tem, como principal motivação, a qualificação para o mercado de trabalho. Isso parece ser verdade, também, em relação às escolas públicas.

Os educadores, contudo, formulam críticas ao sistema de ensino, que estariam dificultando sua tarefa, nesse sentido. Dizem, por exemplo, que os alunos chegam despreparados para a tarefa de "aprender a aprender". Faltam-lhes conhecimentos que, segundo eles, deveriam ter adquirido na formação básica, como ingredientes de informação, o domínio de certas técnicas básicas, ou mesmo o aprendizado de idiomas que se constitui em exigência dos empregadores futuros e, até, habilidade para o estudo de textos de referência mais atualizados.

O MEC não estaria facilitando as coisas, ao exigir nas avaliações periódicas que faz, além dos "provões" que os professores do ensino superior tenham títulos de mestres ou doutores ou o cumprimento de grades curriculares rígidas, que, aos poucos, entram em descompasso com a dinâmica da realidade do mundo do trabalho. Nas palavras de um deles: "A pós-graduação (mestrado e doutorado) não forma professores, mas sim pesquisadores". Além disso, a exigência de titulação afasta das faculdades os profissionais administradores, publicitários ou mesmo técnicos que não podem trazer a sua experiência prática às salas de aula.

Ouçamos o que dizem os empresários. Um deles, na função de "headhunter" afirma: "Para mim, não faz diferença se o candidato é psicólogo, administrador ou engenheiro. Tenho uma lista de habilidades que a empresa que me contratou está procurando e tento identificá-las em cada um. O que ele estudou é problema dele". Outro, encarregado do setor de RH da empresa, assim descreve o processo de seleção: "Nós não medimos o conhecimento das pessoas, não fazemos um "provão". O que interessa são as competências que as pessoas apresentam e que possam ajudá-los a dar uma resposta diferente no mundo do trabalho, como saber ouvir, relacionar-se, ter empatia pelo outro e capacidade de resolver problemas".

Essa visão, relativamente nova, das empresas já alterou profundamente as abordagens e conteúdos dos treinamentos "in-company". Não faz muito tempo, a exigência era a de transmissão de habilidades o "saber fazer" muita prática e nenhuma teoria. Hoje, as empresas querem que os seus funcionários voltem a discutir conceitos e valores e aprendam a pensar. As portas abriram-se para educadores à moda antiga, que se preocupam com a formação integral do indivíduo.

Essa, contudo, não seria a principal função da Escola?

Desde que o ministro Paulo Renato assumiu o MEC, os números do ensino superior vêm mostrando uma evolução expressiva e uma tendência curiosa: houve um aumento substancial no número de alunos de cerca de 1,5 milhão, em 1995, subiu para 2,5 milhões; desses, cerca de 1,6 milhão frequenta escolas privadas. A projeção significa meio milhão de novos profissionais no mercado de trabalho, anualmente.

É pouco. Na proporção estudantes x população, estamos abaixo de todos os países desenvolvidos e na América Latina bem abaixo de Chile e Argentina, no mesmo nível do Paraguai.

O reitor da USP, Jacques Marcovitch, alerta para um dado alarmante: desde o início do século (passado) a população do país vem dobrando a cada 25 anos. Isso representa uma missão quase impossível para a universidade brasileira. Marcovitch admite, contudo, que o sistema apresenta falhas e que se pode tornar mais eficaz.

São dados de um grande quebra-cabeças, em que o mais importante talvez seja o reconhecimento de que não se trata, apenas, de um problema a ser resolvido pelo Governo ou

pelas escolas. Ouvi do colega jornalista e conferencista brilhante Joelmir Beting, num seminário: "Antes, a educação estava na linha de chegada do desenvolvimento; nesse século, tornou-se o tiro de partida". A recente revolução nas tecnologias da comunicação, com seus altos e baixos, vem mostrando que não se trata apenas de transmitir a informação, mas de transformá-la em conhecimento. Isso é função da educação mas também é tarefa para toda a sociedade.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=450&ID=61>>.
Acesso em: 6 ago. 2009

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais